



Lições de vida entre capas e contracapas

Ana Chrystina Venancio Mignot

Professora adjunta do
Programa de Pós-Graduação em Educação/
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Pesquisadora do CNPq
acmignot@terra.com.br
acmignot@pesquisador.cnpq.br

Como tantos historiadores da educação, por muito tempo, passei distraidamente pelos cadernos escolares, suas capas e contracapas. Era como se tivesse deixado, na penumbra da memória, os rituais que antecediavam o início das aulas durante minha vida de estudante: escolher os cadernos na papelaria, encapar cada um, escrever o meu nome e o da escola, colar decalques molhados na água, com flores, pássaros e borboletas...

Encontrei e folheei muitos cadernos, ao longo dos anos. Deixei-me invadir pela curiosidade que começaram a despertar, sem me esquecer que não contêm tudo o que aprendemos na escola e que nem tudo o que neles está escrito foi aprendido.

Aos poucos, fui estranhando e me familiarizando com eles, na mesma perspectiva delineada na historiografia da educação sobre a cultura material da escola,¹ isto é, entendendo que os objetos escolares trazem as marcas da história dos processos de escolarização, de industrialização e do comércio, em determinados tempos e espaços.² Assim, na investigação que desenvolvo,³ parto da compreensão que os cadernos escolares não podem ser desprezados quando se pretende examinar tanto a produção, circulação e usos dos suportes da escrita escolar como as práticas educativas, currículo, histórias das disciplinas escolares, por exemplo.

Certamente, tal inflexão se deu no bojo da ampliação da noção de documento. O caderno escolar até então considerado um banal suporte da escrita escolar, passou a ser valorizado. Os historiadores da educação, assim como os especialistas em currículo e formação de professores, preocupados em examinar o vivido na sala de aula, têm se voltado para esse material didático, que passa a ser considerado importante objeto ou fonte de pesquisa.⁴

¹ Análises sobre objetos escolares nesta perspectiva podem ser vistos em estudos de diversos historiadores da educação espanhóis, reunidos no livro *Etnohistoria de la escuela*. XII Colóquio Nacional de Historia de la Educacion. Burgos: Universidad de Burgos e Sociedade Española de Historia de la Educacion, 2003, no qual são estudados cadernos escolares, carteiras, manuais, equipamentos de laboratórios, por exemplo.

² A este respeito, consultar HERNANDEZ DIAS, José Maria. Etnografia e historia material de la escuela. In ESCOLANO BENITO, Agustín e HERNANDEZ DIAS, José Maria (coords). *La memoria y el deseo: cultura de la escuela y educacion deseada*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2002. pp. 225-246.

³ Trata-se da pesquisa *Casa Cruz: uma papelaria na produção, circulação e usos dos suportes da escrita escolar*, que conta com bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq, bolsa Prociência UERJ/FAPERJ e auxílio do CNPq e FAPERJ.

⁴ Emblemático dessa maior atenção aos cadernos escolares é a realização de um importante evento científico que reuniu pesquisadores de diferentes tradições disciplinares com a finalidade de articular uma reflexão internacional sobre os seus usos nas práticas escolares, em setembro de 2007, na Itália, na Università degli Studi di Macerata. Os organizadores partiram do princípio de que esta é uma fonte extremamente complexa, que permite múltiplas leituras, que exigem múltiplos olhares, na medida em que

Tomando como fio condutor da pesquisa, as coleções de cadernos escolares, seus idealizadores, autores e ilustradores, tenho procurado examinar a história da Casa Cruz, centenária casa comercial e produtora de cadernos escolares, objetivando contribuir, assim, para ampliar o conhecimento sobre a história das papelarias e dos próprios cadernos.

À moda de Carlo Ginzburg ⁵ que sugere em seu paradigma indiciário, caminhar pelas pistas, indícios e sinais, atentos aos dados aparentemente negligenciáveis, enquanto folheava cadernos da *Coleção Cívica* da Casa Cruz, me detive nas capas e contracapas – repletas de símbolos pátrios, heróis nacionais e suas biografias edificantes nas quais eram destacadas a importância que desempenharam na construção da nacionalidade.

Entendendo que a seleção de personagens, feitos e fatos para ilustrar a referida coleção, não era neutra, pretendo examinar os valores subjacentes a tais escolhas. Para tanto, imagens e textos exibidos nas capas e contracapas, entendidos como elementos constituintes de uma dada compreensão de educação em determinados períodos históricos, são tomados como objeto de análise.

estes objetos permitem examinar a história da educação, a história da didática, a história da ilustração, a história social da infância, entre outras. Trata-se do *Convegno Internazionale di Studi Quaderni di Scuola. Una fonte complessa per la storia delle culture scolastiche e dei costumi educativa tra ottocento e novecento*.

⁵ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

Outros olhares para capas de cadernos

A primeira vez que vi os cadernos da *Coleção Cívica* que, mais tarde, encontraria expostos na Casa Cruz, em evento comemorativo, foi por ocasião da montagem da exposição “Memória da escrita cotidiana”, em 2002. Uma colega de universidade levou a coleção de cadernos de sua família, reunida ao longo de muitas gerações, para serem exibidos.

No interior de suas páginas fui surpreendida por inúmeros exercícios. Em um deles, a voz autorizada da professora ditava, em 1940, um texto cuja finalidade ultrapassava o simples uso da ortografia adequada. Com o título “O telegrama”, a aluna anotava que os Correios e Telégrafos estavam entre “os mais importantes serviços públicos mantidos pelo Governo Nacional a fim de facilitar ao povo o meio mais rápido de comunicação”. Outro, datado de 1946, procurava fixar princípios morais: “O bom menino não mente. O bom menino não desobedece. O bom menino nunca faz manhas. O bom menino não maltrata os animais”, copiava uma menina do Liceu Pedro II.⁶

Impossível não comparar a atenção dispensada aos cadernos guardados, quando sabemos que, diferentemente dos livros e manuais escolares, sacralizados e protegidos, via de regra, eles são destruídos, com uma certa tranqüilidade. Anos depois, a guardiã dos cadernos escreveu sobre as intenções que guiaram sua família a preservar esses objetos como relíquias:

⁶ Ver análises desta coleção em MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (2003).

Meus avós guardaram alguns cadernos de meus pais; meus pais guardaram muitos cadernos nossos (meu e de mais duas irmãs); minhas irmãs guardaram muito mais cadernos de seus filhos e, meus sobrinhos, também, guardam todos os seus cadernos.

Na verdade, não sei como e quando tudo começou... quem teve a idéia de guardar o primeiro caderno, depois mais outro, mais outro e assim sucessivamente. Acredito que no início a razão maior do guardar tenha se associado à noção do cuidar do bem material, do que estava sendo produzido pelas filhas não propriamente com um sentido que amanhã pudesse ser útil por algum motivo e sim guardar pelo significado que ele tinha naquele momento.

Minha tia - Henriqueta Paura - tinha uma Escola, o Liceu D.Pedro II, mantida até o ano de 1947, onde nós iniciamos os nossos estudos. Todas as mulheres da minha família são professoras - eu, minha mãe, minhas irmãs e tias – são professoras, tendo iniciado a profissão como professoras do curso primário. Nesse sentido, conviver com os nossos cadernos, depois, dos cadernos de nossos alunos não se tratava tanto de novidade e sim fazia parte de nossas atribuições como professoras. (GRINSPUN, 2008, pp. 258, 259)

Impossível, também, não prestar atenção numa coleção tão bela quanto aquela, onde se destacam exemplares da *Coleção Cívica*, ilustrada com heróis nacionais. Antonio Castillo Gomez, com quem compartilhei a curadoria da exposição, também observou que a *presença dos símbolos culturais brasileiros, hinos pátrios, ilustrações de heróis nacionais e produtos de exportação, como o café, nas capas desses cadernos, sugerem períodos históricos de exacerbação nacionalista.*⁷

⁷ Ver entrevista Cartas, cadernos e outras histórias. *UERJ em Questão*, nº 77 (maio/junho) e nº 78 julho/agosto de 2002, p. 24.

Aos poucos fui me dando conta de que assim como os livros, os cadernos escolares foram alvos de preocupação de proprietários de papelarias, tipógrafos, gráficas, ilustradores e dos educadores de outros tempos. Instigada pela *Coleção Cívica*, voltei-me para as significativas mudanças neste suporte da escrita escolar, associadas ao aumento da demanda escolar, ao barateamento do custo do papel, ao desenvolvimento do parque gráfico e às concepções pedagógicas em diversos momentos políticos.

Estava convencida de que as capas dos cadernos escolares poderiam permitir adentrar pelo interior da sala de aula, pois, como bem observou Ana Maria Casasanta Peixoto, elas expressam “uma visão dos valores sociais que a escola desejava incutir” (2004, p. 275). Daí, que ao longo do século passado,

Aos poucos vão surgindo novos modelos, trazendo na capa vultos históricos, as riquezas do Brasil e, na contracapa, hinos e informações relevantes para os alunos. Procurando estimular o amor à pátria e o respeito aos heróis, os cadernos ajudavam, desta forma, na construção da cidadania. (op. cit. p. 277).

Biografias edificantes em cadernos escolares

Coube a Manoel Monteiro de Gouveia – antigo funcionário e sócio que escreveu os *Subsídios para a história da Casa Cruz* – idealizar a referida coleção. Deixando-se embalar pelo ufanismo

característico do governo de Getúlio Vargas, e que se revela em muitas capas de cadernos produzidos no período, selecionou os temas e escreveu os textos da contracapa. A coleção foi composta por cerca de 60 modelos distribuídos em algumas séries: *Grandes vultos da História do Brasil*, *Homens ilustres do Brasil*, *Figuras ilustres do Brasil* e *Os grandes productos brasileiros*.⁸

O algodão, o mate, a borracha, o café e o fumo, motivos de júbilo dos brasileiros, figuram na série *Os grandes productos brasileiros*. No primeiro, o campo coberto da plantação de algodão, a fábrica em funcionamento, trabalhadores da lavoura e operários das fábricas ocupam o centro da capa que no lado direito traz tecidos estampados, em cores e motivos tropicais. Como os outros cadernos desta série, trazia o mapa do país na contracapa, assinalando as principais zonas de produção e, no texto, destacava-se a sua proveniência e expansão. Os números da safra do fumo mereciam um registro especial: *representa uma das colunas mestras em que se assenta a economia nacional*.

Alguns modelos de capa desta coleção, ainda existentes nos arquivos da Casa Cruz, indicam que a coleção se iniciou com Pedro Álvares Cabral, na série *Grandes vultos da História do Brasil*, que incluía Martim Afonso de Souza, Tomé de Souza, Henrique Dias, Padre Antonio Vieira, João Fernandes Vieira, Felipe Camarão, por exemplo. Da série *Homens ilustres do Brasil*, faziam parte

⁸ Ver MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Por trás do balcão: os cadernos da *Coleção Cívica* da Casa Cruz. In. STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs). *Coleção Histórias e Memórias da Educação no Brasil*, Petrópolis: Vozes, 2005. Vol. 3. pp.263-274.

Tiradentes, José Bonifácio, Dom João VI, Dom Pedro I, D. Pedro II, Benjamin Constant, General Osório, Raposo Tavares, Pereira Passos, Barão do Rio Branco, José do Patrocínio, Afonso Celso, entre outros. Em *Figuras ilustres do Brasil*, a Princesa D. Isabel, a *Princesa Imperial Regente*, é a única capa encontrada da série, sendo também a única capa da *Coleção Cívica* que focalizava uma mulher. Nelas figuravam ainda símbolos nacionais como bandeiras, emblemas e mapas do país.



Capas e contracapa de cadernos da *Coleção Cívica* das séries *Grandes vultos da História do Brasil* e *Homens ilustres do Brasil*

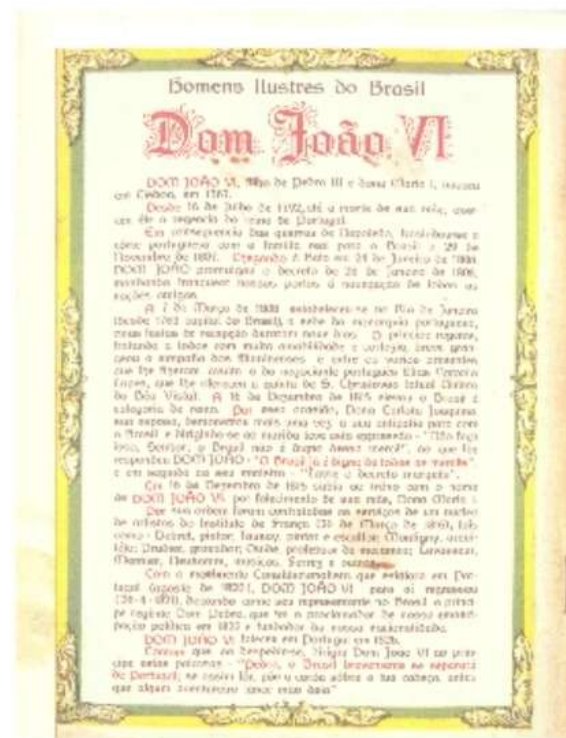
As biografias edificantes publicadas na contracapa, por sua vez, deixam entrever a importância que se creditava à necessidade das futuras gerações conhecerem as vidas de determinados vultos históricos. Isto fazia parte da formação moral, formação essa que não se esgotava nos ensinamentos, transmitidos na sala de aula, inspirados na exemplaridade educativa creditada ao desempenho do próprio professor. Tal perspectiva encontrava ainda respaldo nas concepções e prescrições pedagógicas que circulavam em livros destinados aos professores, como por exemplo, em *Metodologia do ensino primário*, de Arthur Carbonell e Migal, professor da Escola Normal de Montevideo, traduzido e publicado pela Livraria do Globo, em 1935, não qual o autor defendia que *nas biografias de homens notáveis temos bons exemplos de amor à pátria, ao trabalho e à humanidade. Todos os factos históricos encerram significação moral, que não deve ser olvidada.*⁹

As contracapas, emolduradas nas cores da bandeira nacional, não se restringiam a informar os dados biográficos do homenageado. Além do nome do personagem ilustre, os fatos históricos nos quais haviam se distinguido eram ressaltados em negrito nos textos da contracapa que sugeriam serem estes os homens que deveriam ser seguidos, imitados, cultuados. O tom laudatório indica as intenções dos idealizadores: estes personagens deveriam ser reconhecidos por suas lutas em favor da construção da nacionalidade. Em cada um dos textos, eram guindados à condição de heróis. Em uns, porque haviam se submetido a sacrifícios, vencido provas e

⁹ Ver CARBONELL E MIGAL, Artur. *Metodologia do ensino primário*. Porto Alegre. Livraria do Globo, 1935, p. 153.

combatido injustiças. Em outros, por terem desbravado terras inóspitas, defendido nobres ideais, dignificado o país.

Pelas capas e contracapas destes cadernos escolares, veiculava-se, entre muitas outras lições, que Dom João VI desde sua chegada, em 1808, ao Rio de Janeiro, *tratando a todos com amabilidade e cortezia, breve granjeou a simpatia dos fluminenses*, e que, depois de seu regresso a Portugal, em 1821, *deixara como seu representante no Brasil o príncipe regente Dom Pedro, que foi o proclamador de nossa emancipação política em 1822 e fundador de nossa nacionalidade*.



Biografia na contracapa de um exemplar da série *Homens Ilustres do Brasil*. Em vermelho são destacados os principais feitos de D. João VI.

Sobre o General Osório enfatizava-se que, em 1877, quando tomou de sua cadeira de Senador do Império, foi alvo de uma das maiores manifestações populares já vistas na capital, em reconhecimento à sua ação heróica na Guerra do Paraguai. Ele havia sido ilustre *pela bravura, pela lealdade e pelo patriotismo*.

A Princesa Isabel, por sua vez, era ressaltada por ter lhe cabido

*a glória de haver assinado, não só a lei de 28.8.1871 (**Ventre Livre**) como o da extinção completa da escravidão no **Brasil**, Lei Áurea, de 13 de Maio de 1888. **Em** todo o território nacional, o 13 de Maio foi um dia de benção, de regozijo universal; houve lagrimas de alegria, risos de felicidade, e aclamações delirantes, e efusões venturosas a romper todos os corações jubilosos.*

Estampar estes personagens ilustres nas capas e contracapas, em imagens e textos, estava a serviço da compreensão de que, na escola primária, o ensino da história deveria privilegiar tanto os fatos mais importantes da vida nacional, como os feitos dos personagens ilustres que dignificaram a atividade pública, como observou, ainda, o autor de *Metodologia do ensino primário*:

No ensinar as biografias, não devemos procurar as particularidades de uma vida, mas sim, salientar os feitos mais importantes de uma personalidade. Devemos apresentar a biografia em forma de narração, com o retrato do biografado si possível, salientando o mais importante e fundamental, fazendo um juízo de projecções morais sobre o personagem estudado. Os juízos, por elementares e simples que sejam, são de grande importância; patenteiam os estados mais elevados da actividade humana ao serviço da causa pública,

*que é em resumo a do bem dos semelhantes. As biografias fornecem-nos excelentes motivos de moral e ampliam a capacidade do espírito para a compreensão e julgamento da moralidade das acções. Escolhendo bem as biografias, podemos com elas fazer um resumo de historia nacional, refletida na vida dos homens mais representativos.*¹⁰

No tom e no tema: a moral da história

A partir dos meados da década de 1930, quando a *Coleção Cívica* foi produzida, comercializada e distribuída para todo o país, segundo Ana Maria Casasanta Peixoto, a indústria dos cadernos dava indícios de desenvolvimento. Nela, foram produzidos os cadernos *Avante*, que sofreram mudanças. A figura de um soldado estampada inicialmente na capa, foi substituída pela imagem de grupos de escoteiros, com a finalidade de *valorizar a juventude e incentivá-la a construir e defender o país* (op.cit. p. 277). Em que pese o afã de mobilizar os jovens, os cadernos *Avante*, segundo a autora, não eram usados por eles, que preferiam carregar sob seus braços, cadernos com capas mais afinadas com a idéia de progresso, modernidade e futuro:

Para os rapazes, havia cadernos retratando aviões em pleno vôo, o que transmitia sensação de futuro, de modernidade. Para as moças, surge o 'Normalista', cujo nome já sugere as possibilidades de futuro para as jovens da época. Além disso, a capa mostra

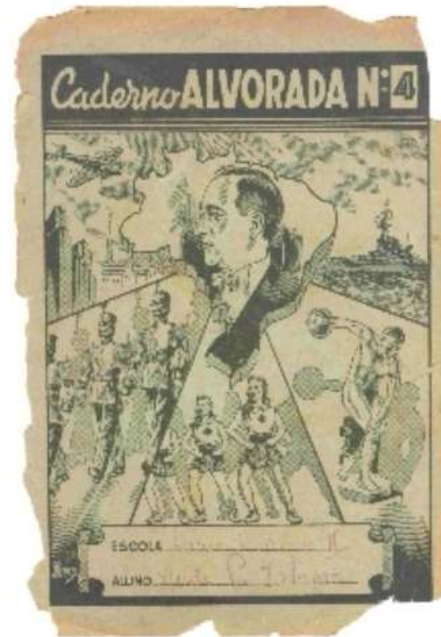
¹⁰ Idem, p. 157.

uma jovem bela, elegantemente vestida, estudiosa – no lugar da bolsa, ela carrega uma pasta – porém frágil (op.cit, p. 280).

Embora sua produção não se restrinja ao Estado Novo, pois ainda circulou até meados da década de 1980, a *Coleção Cívica* estava afinada, no seu surgimento, com o ideário que informava as políticas educacionais e que se refletia na política do livro didático,¹¹ na qual predominavam princípios que visavam despertar o sentimento cívico-patriótico.

Cultuar este sentimento se expressou na produção de alguns cadernos escolares do período que estampavam nas capas, inclusive, Getúlio Vargas, como no *Caderno Alvorada* no qual o Chefe do Executivo tinha centralidade, ocupando praticamente todo o mapa do território nacional. Expressão solene, ele dominava a cena do progresso, motivo de orgulho dos brasileiros.

¹¹ Análises da política do livro didático no período podem ser encontradas em MACIEL, Francisca Isabel Pereira e FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Para elas, tal política previa uma política do livro didático, que procurava evitar a veiculação de *sectarismo, regionalismo, comunismo, derrotismo, internacionalismo, jacobinismo, revolucionismo, racismo*. *Todos os focos de infecção afinal, que gangrenam o organismo da sociedade*, conforme o decreto 1006, editado em 1939. (2003, p. 36).



Capa de caderno escolar com imagem de Getúlio Vargas.
Arquivo de Neide Sabrosa do Liceu Pedro II.

A assinatura de Manuel Mora, ilustrador português, radicado no Rio de Janeiro, nas capas dos cadernos da *Coleção Cívica*, indicam a importância dada à produção desses cadernos escolares.

¹² Famoso por suas iluminuras, contemporâneo de J. Carlos, Ivan e K.lixto, também havia participado de outros projetos editoriais importantes da década de 1920: a revista *Para Todos*, criada em 1918, e *Cinearte*, publicada a partir de 1926, dedicada exclusivamente ao cinema.¹³

¹² Para aprofundamento acerca da trajetória do ilustrador português Manuel Mora, consultar MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Cadernos escolares nos traços de Manuel Mora. In: VI Congresso Iberoamericano de História da Educação Latinoamericana e do Caribe, 2005, Quito. *Anais do VI Congresso Iberoamericano de História da Educação Latinoamericana e do Caribe*, 2005. cd-rom.

¹³ Sobre *Para Todos* e *Cinearte*, consultar HALUCH, Aline A maçã e a renovação do design editorial na década de 1920. In: CARDOSO, Rafael (org). *O design brasileiro antes do design*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, pp. 96-123.

Havia sido responsável por algumas capas de *O Cruzeiro*, a principal revista brasileira ilustrada do século XX, lançada pelo grupo dos Diários Associados, em 1928. Nas dez primeiras capas desta publicação semanal de grande tiragem, que inovava com inúmeros anúncios e reportagens, crônicas e contos fartamente ilustrados, figuravam homens públicos, paisagens paradisíacas do Rio de Janeiro, e belas mulheres envoltas na bandeira nacional.



Capa do nº 8 da revista *O Cruzeiro*, assinada por Manuel Mora.
29 de dezembro de 1928.¹⁴

¹⁴ Ver site <http://memoriaviva.digi.com.br/ocruzeiro>. Acesso em junho de 2005.

Manuel Mora se destacara ainda na cartofilia brasileira, fazendo uma coleção de cartões postais em 1934, para o Departamento de Turismo da Municipalidade do Rio de Janeiro, que com bandeiras e figuras de mulheres, homenageou a relações do Brasil com a Argentina, Estados Unidos, França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Espanha e Portugal.



Cartões postais assinados por Manuel Mora, em 1934. ¹⁵

Poucos ilustradores poderiam assinar a coleção com a mesma intimidade com os temas, como Manuel Mora, acostumado a desenhar mulheres e símbolos pátrios em propagandas, cartões postais e revistas da época. Durante o Estado Novo, ele colaborou com o Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, criado em 1939 e, diretamente, subordinado à Presidência da

¹⁵ Consultar texto em torno da coleção de cartões postais de Paulo Bodmer de autoria de DEL CIMA, Marcelo. *Manuel Mora*, em http://www.brasilcult.pro.br/rio_antigo2/manuel_mora_bem_vindo.htm.

República que sucedeu o Departamento Nacional de Propaganda, que por sua vez substituiu o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural que se originara do Departamento Oficial de Propaganda. Todos estes departamentos que foram sendo criados na década de 1930 no âmbito da administração pública resultaram da compreensão da importância de colocar em prática políticas de comunicação que atingissem a população, conquistando a sua adesão às causas dos governantes.¹⁶

É possível que tenha sido ele o ilustrador do álbum *A juventude no Estado Novo*, publicado pelo DIP, nos quais os desenhos realçavam a importância de trechos de discursos de Getúlio Vargas que conferiam grandeza ao compromisso por ele assumido de transformar a *escola primária em fator eficiente da formação do caráter das novas gerações imprimindo-lhes rumos de nacionalismo sadio*,¹⁷ exortavam o sentimento cívico-patriótico – *O Brasil reclama do patriotismo dos seus filhos devotamento sem restrições*¹⁸ – ou *A Nação, disciplinada e tenaz, há de realizar os seus altos objetivos de progresso, sob a proteção do pavilhão auriverde, símbolo da unidade e da grandeza do Brasil* e testemunhavam a devoção à nação em declarações enfáticas como *Prefiro ser eliminado, trucidado, pela ferocidade humana, a ceder, uma linha sequer, na execução do*

¹⁶ Sobre o papel da propaganda política no Estado Novo, consultar GOMES, Ângela de Castro. Propaganda política, construção do tempo e do mito Vargas: o calendário de 1940. In. BASTOS, Elide Rugai, RIDENTI, Marcello e ROLLAND, Denis (orgs) *Intelectuais: sociedade e política*. São Paulo: Cortez, 2003, pp. 112-145.

¹⁷ Cf. *A Juventude do Estado Novo*, Departamento de Imprensa e Propaganda. s/d, s/p.

¹⁸ Idem.

*programa de reconstrução moral e material do Brasil, dentro dos postulados de sadio nacionalismo que constituem a estrutura do Estado Novo.*¹⁹



Álbum A Juventude no Estado Novo

No álbum, percebe-se, tanto nas imagens como nos textos, que as crianças, também, se constituíram em alvo do projeto político educativo que visava despertar e cultivar o amor à pátria:

*Crianças,
Aprendendo no lar e nas escolas, o culto da pátria, trareis para a vida prática todas as
probabilidades de êxito.*

¹⁹ Idem.

*Só o amor constrói, e amando o Brasil, forçosamente o conduzireis aos mais altos destinos entre as Nações, realizando os desejos de engrandecimento aninhados em cada coração brasileiro.*²⁰

Com essa experiência pelo mundo editorial, ninguém talvez pudesse interpretar tão bem a intenção de Manoel Monteiro de Gouveia. A ilustração de Manuel Mora na *Coleção Cívica* da Casa Cruz, ajudou a veicular algumas lições impregnadas do ufanismo com o qual se pretendia contagiar a população escolar. Ele deu forma e beleza ao projeto do idealizador, o que permite concluir que assim como para muitos fabricantes de cadernos escolares – *O Colegial*, *Caderno Brasil*, *Caderno Universitário*, *Avante*, *Alvorada* –, este suporte da escrita não era destinado apenas à aprendizagem e exercício da escrita.

A presença de bandeiras, hinos, mapas do território nacional, personagens ilustres, produtos brasileiros, deixam entrever que os cadernos eram objetos materiais que visavam também cultivar vultos históricos e símbolos nacionais, despertando e cultivando o amor à pátria.

Para finalizar

Ao longo dos anos, os cadernos foram modificados e adaptados aos novos tempos. Atualmente trazem na capa e na contracapa cenas cotidianas nas quais os adolescentes e seus

²⁰ Idem.

ídolos são os protagonistas. Mas, tanto no passado como nos dias atuais, os alunos e alunas, em muitas anotações, especialmente nas últimas páginas, transgridem, subvertem, escapando, assim, do olhar vigilante da instituição escolar.

Segundo um dos funcionários da papelaria, que tem sido incansável com a preservação da memória do estabelecimento comercial, em meados da década de 1980, a *Coleção Cívica* deixou de ser comercializada, em função da modernização da indústria caderneira e dos altos custos de uma produção que, sem o maquinário de última geração, não teria preços competitivos.²¹

Acompanhando as preferências dos estudantes, até 2005, quando produziu a coleção comemorativa dos seus 110 anos, a *Coleção Rio*,²² a Casa Cruz preferiu comercializar os suportes da escrita escolar que evidenciam o quanto os fabricantes estão atentos à cultura jovem.

Nestes suportes da escrita escolar que trazem as marcas da modernização da indústria do papel e do parque gráfico, dentre tantas outras mudanças, pesquisadores atentos podem encontrar, em meio aos novos heróis, outras histórias, outras lições, outras vidas, muitas lições de vida.

²¹ Entrevista com Roberto Mattos, realizada em 4 de junho de 2004, no escritório da matriz da Casa Cruz, no centro do Rio de Janeiro.

²² Ver MIGNOT, Ana Chrystina Venancio e VEIGA, Roberta Lopes da (2008).

Referências bibliográficas

- A Juventude do Estado Novo*, Departamento de Imprensa e Propaganda. s/d.
- CARBONELL E MIGAL, Artur. *Metodologia do ensino primário*. Porto Alegre. Livraria do Globo, 1935.
- GOMES, Ângela de Castro. Propaganda política, construção do tempo e do mito Vargas: o calendário de 1940. In. BASTOS, Elide Rugai, RIDENTI, Marcello e ROLLAND, Denis (orgs) *Intelectuais: sociedade e política*. São Paulo: Cortez, 2003, pp. 112-145.
- HALUCH, Aline A maçã e a renovação do design editorial na década de 1920. In. CARDOSO, Rafael (org). *O design brasileiro antes do design*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, pp. 96-123.
- HERNANDEZ DIAS, José Maria. Etnografia e historia material de la escuela. In ESCOLANO BENITO, Agustín e HERNANDEZ DIAS, José Maria (coords). *La memoria y el deseo: cultura de la escuela y educacion deseada*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2002. pp. 225-246.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- GRINSPUN, Mirian Paura Sabrosa Zippin. Velhos cadernos, novas emoções. In. MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro, 2008, pp. 257-266.
- MACIEL, Francisca Isabel Pereira e FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Cartilhas de alfabetização e nacionalismo. In PERES, Eliane e TAMBARA, Elomar (orgs). *Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX-XX)*. Pelotas: Seiva Publicações e FAPERGS, 2003.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Cadernos escolares nos traços de Manuel Mora. In.: VI Congresso Iberoamericano de História da Educação Latinoamericana e do Caribe, 2005, Quito. *Anais do VI Congresso Iberoamericano de História da Educação Latinoamericana e do Caribe*, 2005. cd-rom.
- _____. *Papéis guardados*. Rio de Janeiro: Rede Sirius/UERJ, 2003.

_____. Por trás do balcão: os cadernos da *Coleção Cívica* da Casa Cruz. In. STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs). *Coleção Histórias e Memórias da Educação no Brasil*, Petrópolis: Vozes, 2005. vol. 3. pp.263-274.

_____. e VEIGA, Roberta Lopes da Um Rio para estudante ver: engenhosidades na produção de cadernos escolares. *História da Educação* (UFPel), v. 12, 2008. p. 225-247.

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. Museu da escola: uma leitura em aberto. In MENEZES, Maria Cristina. *Educação, memória, história: possibilidades, leituras*, Campinas: Mercado de Letras, 2004, pp. 265-287.